

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Lucia Mosqueira de Oliveira Vieira*

RESUMO: O presente estudo objetiva verificar como o professor do Ensino Fundamental avalia o uso das histórias em quadrinhos, especificamente a de Chico Bento, na sala de aula. Além disso, avalia se o discurso do professor ratifica preconceitos lingüísticos ou se ele as concebe como uma fonte rica para trabalhar a variação lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: língua materna. Ensino. Variação lingüística. Preconceito lingüístico. Gramática.

ABSTRACT: The present study aims to verify the manner that the teacher of basic education evaluate the use of cartoons, specifically Chico Bento, in the classroom. Moreover, to evaluate if the teacher's discourse ratify linguistics preconceptions or if it consider as one important resource to explore the linguistic variation.

KEYWORDS: vernacular. Education. Linguistic variation. Linguistic preconception. Grammar.

I. INTRODUÇÃO

Ao tratarmos sobre o ensino de língua materna, notamos que muitos problemas, dentre eles o preconceito lingüístico, ainda fazem parte de uma realidade distante de ser resolvida. A escola, muitas vezes, reforça o, não oferecendo aos alunos oportunidades de refletirem sobre o fato de que a língua é multifacetada, heterogênea, viva e dinâmica. Tal quadro

* Formada em Letras com Mestrado pela Universidade Federal de Uberlândia e Doutorado em Lingüística da Língua Portuguesa-UNESP-SP.

no ensino origina-se de vários fatores, dentre eles a sobreposição do dialeto padrão como única referência para se aprender a língua portuguesa. Como conseqüência, os alunos e professores, principalmente, nem sempre percebem as variantes lingüísticas como um fato lingüístico, manifestadas nos mais diversos tipos de textos e situações, como, por exemplo, nos textos de histórias em quadrinhos.

Incorporadas no nosso cotidiano, as histórias em quadrinhos marcam presença atendendo aos mais variados gostos e gêneros, desde o humor até as mais perigosas e fascinantes aventuras. Entretanto, quase não refletimos sobre elas como produto de nossa cultura, imbuídas de um valor social, político e ideológico muito forte.

Em vista disso, surgiu o interesse em pesquisar como o professor do Ensino Fundamental avalia as histórias em quadrinhos e o seu uso na sala de aula. O objetivo de nossa pesquisa foi, então, o de verificar se o discurso do professor contribui para a ratificação de determinados pre-conceitos lingüísticos e ainda se ele os vê como uma fonte rica para trabalhar a variação lingüística.

Essa pesquisa, então, justifica-se por considerarmos de suma importância o estudo das variantes lingüísticas no ensino de língua materna. As histórias em quadrinhos, mais especificamente a de Chico Bento, pareceram-nos um excelente material para tratarmos da relevância da variação lingüística.

Uma outra razão diz respeito às conseqüências advindas do modo como o professor concebe a língua, pois poderá ter implicâncias tanto no processo ensino/aprendizagem do aluno como também em seu convívio social. Se o professor tem uma visão mais prescritiva, homogênea da língua, o aluno se sentirá inseguro não só no âmbito escolar, mas também nas situações cotidianas.

Não podemos perder de vista que o aluno também é um *usuário* da língua, que ele está inserido em uma comunidade de falantes. Sendo assim, tem necessidade a todo momento de construir textos, orais ou escritos, para comunicar-se em sociedade, tendo que, num processo incessante, fazer escolhas dos recursos lingüísticos e não-lingüísticos disponíveis e arranjá-los de forma a atingir os objetivos almejados. Nesse processo de escolhas, as variantes lingüísticas presentificam-se nos mais diversos contextos situacionais, estando relacionadas a alguns fatores como: origem geográfica, sexo, idade, padrão cultural, dentre outros.

II. A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Feijó (1997), em *Quadrinhos em ação*, faz uma retrospectiva histórica dos Quadrinhos em seu primeiro século de vida (1895-1995), mostrando o surgimento desse gênero e como ele se transformou numa indústria internacional, sob a hegemonia dos Estados Unidos.

O autor ressalta o impacto que os quadrinhos causaram nos mais diversos segmentos da sociedade, discutido pelos mais variados profissionais — psicólogos, filósofos, professores. Essa forma de expressão foi desprezada e condenada: “para os professores mais conservadores, uma preguiça mental, um meio de desestimular a leitura, e empobrecer a cultura dos estudantes” (FEIJÓ, 1997, p. 7).

Feijó afirma ainda que preconceito é a palavra-chave para se entender o porquê de tantas críticas ao gênero quadrinhos, visto que sempre esteve associado à idéia de comunicação com o público dito inculto. Um categórico e incisivo depoimento de uma professora, representante da resistência cultural aos quadrinhos, ilustra fortemente esse preconceito:

O bom desenho, nas histórias em quadrinhos, é um acidente. [...] Pergunta-se com pesar para que servem as escolas de arte, as conferências, os clubes, os cursos nos museus, as críticas na imprensa, os eternos discursos sobre arte e a necessidade de levá-la ao povo, se os olhos do povo são corrompidos e pervertidos todas as semanas, se não todos os dias, por essas perversões grosseiras, vulgares, contraditórias, de colorido barato [...] (Feijó, 1997, p. 20).

O preconceito contra os quadrinhos ainda está arraigado nos mais diversos segmentos, dentre eles na escola. Faz-se necessário vislumbrar novos horizontes em se tratando de recursos didáticos, pois os Quadrinhos são tipos de produto cultural que transmitem informações e fantasias aos seus leitores e também espelham a cultura desses leitores. Por meio deles, podemos explorar as mais diversificadas temáticas. Neste novo milênio muitos valores estão em crise, o mundo passa por transformações econômicas, políticas, intensificam-se os conflitos étnicos e religiosos, a violência e a miséria massacram a humanidade. Criam-se heróis como Homem-Aranha, Mulher Maravilha, X-Men, Hulk, Justiceiro, tidos por verdadeiros bálsamos para os problemas que afligem os humanos. Os quadrinhos têm, então, um papel além de divertir, informar e

retratar a realidade.

Cirne (1977) também retrata os Quadrinhos desde a sua origem até os dias de hoje. O autor destaca que essa forma de expressão é

[...] a mais agressiva e radical colagem crítico-criativa de nossa época, são muitos os pólos, quer educacionais ou jornalísticos, quer comunicacionais ou artísticos, que se voltam para as raízes metalingüísticas, políticas, sociais e econômicas dos quadrinhos, testando as vertentes criadoras que os formam e os projetam no espaço-tempo gráfico das revistas e jornais. (CIRNE, 1977, p. 12).

O autor argumenta que outra grande importância desse gênero artístico é percebida quando os relacionamos com a ideologia e espaço de seu tempo. Consideramos que explorar essa relação na sala de aula pode-se constituir num caminho frutífero para o professor mostrar a relação texto-discurso.

Higuchi, apud Chiappini (1997), discute a importância de os alunos conhecerem os processos de produção das histórias em quadrinhos a fim de se estabelecer uma relação mais “crítica e dinâmica” com o texto desse gênero. Também Vanoye expõe algumas técnicas que compõem as histórias em quadrinhos, afirmando que elas “sabem explorar com originalidade os recursos da linguagem e integrar esta linguagem numa mensagem específica”. (1991, p. 186).

Higuchi, ao tratar da relação da Literatura com as Histórias em Quadrinhos, afirma que Monteiro Lobato, Ziraldo e Maurício de Souza “usando linguagens diferentes estimulam o imaginário de nossas crianças, resgatando histórias e lendas, colocando um novo sabor em nosso cotidiano”. (1997, p. 146).

Percebemos que a imagem vem ocupando espaço e interferindo cada vez mais no cotidiano das pessoas. Em muitas situações, a imagem pode se tornar mais forte, mais avassaladora que a seqüência lingüística. Então, além da leitura dos textos verbais, a imagem também deve ser trabalhada na sala de aula.

Entendemos que se o professor trabalhar o texto, buscando explorar os seus recursos lingüísticos e não-lingüísticos com vistas a um propósito, a um contexto específico, além de ampliar a noção do aluno a respeito de texto, estará colaborando também para que ele reconheça características contextuais e desempenhe papéis verbais de acordo com estas.

Dessa forma, estará trabalhando diretamente com a questão da variação lingüística.

III. O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A variação lingüística ocorre em todos os níveis sociais, independentemente de qualquer pretensão normativa e padronizadora. Ao mesmo tempo que se reconhece a variação lingüística como um fato, observa-se que a nossa sociedade imprime um valor às variedades, hierarquizando-as, rotulando-as como certas ou erradas. A escola é um espaço acolhedor para que essa dicotomização se concretize de modo mais efetivo, pois o ensino de Língua Portuguesa ainda traz em seu bojo uma carga muito forte da prescrição. O ensino da gramática baseia-se no “mito do Português correto”, postura ditada pela gramática prescritiva. Para Ferreira (1986, p. 49), “a imagem que uma tal gramática passa é a de guardião da língua, com uma postura rígida, autoritária, na pretensão de julgar e legislar sobre um uso vivo, dinâmico e variado como a língua”.

O uso que a gramática tradicional prescreve é o da norma culta. Percebemos que há o registro dos fatos da língua, mas ela não se compromete em lidar com variantes lingüísticas específicas. Ao contrário, preocupa-se em prescrever os fatos da língua que asseguram o uso “certo” do vocábulo, dentro de uma norma estabelecida.

Hjelmslev, em sua reflexão sobre língua e fala, afirma que a norma “constitui quando muito um corolário conveniente para estabelecer os quadros da descrição do uso” (1991, p. 92). Nesse sentido, o autor nos adverte para a variação que o uso da língua admite.

Genouvier e Peytard (1974) consideram que o ensino de Português é paradoxal, pois o aluno é exposto a doutrinas, a regras que quase sempre são desconhecidas, estranhas. O aluno, muitas vezes, não estabelece uma relação entre o que ele aprende na sala de aula a respeito da língua e o que ele de fato usa em sua vida fora do âmbito escolar.

Há uma confusão entre ensinar o uso da língua e ensinar gramática. Esses autores afirmam que “não se pode justificar um ensino do Português como língua senão por uma reflexão sobre a própria noção de língua e pela análise da situação lingüística em que todo indivíduo está, a seu pesar, envolvido” (GENOUVIER e PEYTARD, 1974, p. 17). Assim, o ensino de Português deveria dar suporte ao aluno para saber fazer uso da língua nas mais diversificadas situações, possibilitando-lhe manejar diferentes padrões de fala e escrita.

Para Labov (1972), a heterogeneidade está na própria língua, demonstrando que sua manifestação pode ser percebida por diferentes variações, ou seja, variações sociais e estilísticas. Mas, há uma insistência por parte da gramática normativa em não considerar essa heterogeneidade, tratando, geralmente, a língua como homogênea, desprovida de variações, de manifestações concretas diversificadas. Bright (1974), ao discutir as dimensões da Sociolinguística, afirma que há uma tendência linguística em conceber a língua como uniforme. Nesse sentido, percebemos que, muitas vezes, na escola veicula-se a forte dicotomia da língua-padrão versus língua não-padrão, a veiculação da diferença entre uma variante de prestígio e uma variante estigmatizada.

É importante que o professor tenha conhecimento de que a língua, tanto falada quanto escrita, se presta a numerosas variações de uso. É fundamental um ensino de língua que tenha como ponto de partida a diversidade de usos da língua. Entendemos que o confronto entre os vários tipos de textos, quer falados ou escritos, possibilita um maior conhecimento da língua e de seus usos e variações. Consideramos que o aluno precisa ser exposto às mais variadas naturezas de textos, para que ele possa perceber a vastidão dos procedimentos expressivos e as inúmeras possibilidades da língua.

Não cabe ao professor trabalhar apenas com a norma culta com seus alunos argumentando que eles já dominam as outras. Na verdade, o aluno pode dominar bem uma ou duas variedades, mas sempre tem muito que aprender a respeito delas, inclusive das que domina; é crucial transmitir a ele que variação não é erro, não é feio. Nesta perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa dará suporte ao aluno para adequar-se a contextos diversificados, sem receio de ele estar incorrendo em “erros”, reiterando preconceitos cristalizados.

Diante do que foi discutido sobre o ensino de língua materna, percebemos que seus resultados podem contribuir, por um lado, para emancipar o cidadão, tornando-o consciente, crítico, reflexivo diante dos fatos linguísticos; um ensino que “seja efetivamente formador de pessoas com competência linguística significativa para suas vidas” (TRAVAGLIA, 1997, p. 237). Nesse sentido, estaremos dando subsídios aos alunos para substituírem a idéia de “certo” por **adequado** e “errado” por **inadequado**. Por outro lado, o ensino da língua materna pode ser um canal que leve o aluno a legitimar e reproduzir preconceitos linguísticos, caso o ensino de Língua Portuguesa não seja repensado.

Discutir com os alunos as variantes linguísticas é de fundamental

importância, pois eles precisam perceber que temos e devemos usar a língua de modos variados. Diversas são as situações cotidianas em que nós, enquanto usuários dela, somos exigidos a adequá-la aos contextos específicos. Sendo assim, não se justifica um ensino que privilegie a variedade padrão em detrimento das outras variedades.

O trabalho do professor deve ser no sentido de mostrar que

[...] as línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças. (SILVA NETO, 1979, p. 13).

Frente ao fenômeno da variação, além de uma mudança de atitudes por parte do professor, é fundamental que a escola não reproduza em seu espaço a discriminação lingüística. A discriminação de algumas variedades, na verdade, é o reflexo de conflitos existentes no interior da sociedade, pois é por meio da linguagem que se marcam os valores culturais, éticos, as concepções frente ao mundo de uma dada realidade e são transmitidos padrões de comportamentos. Enfim, pela linguagem, e pela língua, o homem se movimenta, convive em sociedade.

IV. CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DOS QUADRINHOS EM SALA DE AULA

Este estudo representa uma pequena amostragem de uma pesquisa realizada com professores de três escolas da rede estadual da cidade de Uberlândia.

Observamos, pelos depoimentos fornecidos, que os professores concebem as histórias em quadrinhos como um recurso “interessante”, “atraente” e “motivador”. Tais adjetivos se estendem à sua aplicação também nas atividades de leitura e produção de texto, oferecendo oportunidade de explorar a criatividade do aluno.

Acredita-se que a sua utilização não se limita à área de Língua Portuguesa, atentando-se para a importância da interdisciplinaridade:

“É um recurso riquíssimo para todas as áreas” (Prof. 1)

Notamos o depoimento de apenas um professor concebendo esse gênero como um meio de divulgação da cultura:

“A história em quadrinho é importante, pode perfeitamente ser de uma valia enorme para a divulgação da cultura e uma filosofia de vida bem brasileira, adequadas às nossas condições sócio-econômicas” (Prof. 2)

Tal resultado vem ilustrar a necessidade de a escola atribuir uma importância a mais aos quadrinhos, reconhecendo neles um recurso alternativo em que também são veiculados a cultura, os conflitos, as fantasias, as concepções de uma dada época e lugar, de uma nação ou região.

Um outro ponto que chamou-nos atenção sobre a avaliação dos professores sobre o uso dos quadrinhos foi que um professor reconheceu neles a importância da variação lingüística:

*“Muito importante, como uma atividade enriquecedora de leitura, **avaliação dos registros utilizados**, como uma opção para despertar o gosto pela leitura”* (Prof. 3) (grifo nosso)

Ressalta-se assim, devido o baixo reconhecimento dessa variedade de textos pelos professores, a necessidade de enfatizar a variedade lingüística no cotidiano da sala de aula, como um caminho profícuo no ensino de língua materna.

As histórias em quadrinhos foram vistas também com uma certa cautela, como podemos observar no depoimento abaixo:

“São um recurso a mais, porém o professor deverá conhecer o conteúdo das mesmas na íntegra, pois na sua maioria acredito não ser produtivo para mentes infantis” (Prof. 4)

Esse depoimento mostra uma certa resistência aos quadrinhos como material de trabalho em sala de aula. Ao nosso ver, tal resistência não procede, pois a criança deve ser exposta, como já afirmamos, a qualquer tipo de texto, fazendo com que ela reflita sobre o que lê e emita suas opiniões e valores. De acordo com o nosso estudo, a reflexão tem o intuito de “quebrar” com a visão estereotipada da variação lingüística. Por outro lado, há um alerta aos professores para tomarem cuidado com a seleção dos textos a serem expostos aos alunos.

Quando perguntados aos professores se as histórias em quadrinhos podem auxiliá-los a desenvolver algum conteúdo específico, novamente fez-se referência à interdisciplinaridade, ou seja, alguns professores consideraram que o seu uso não se restringe às aulas de Português:

*“Sim, Português — produção de textos
Ciências — texto explicativo”* (Prof. 5)

“Sim. Meio ambiente, Sexualidade, Município, etc” (Prof. 6)

“Sim. Matemática, Ciências, desde que os textos sejam predominantemente voltados para tal fim e isto não torne rotina nas aulas. E que se aproveite para um trabalho verbal/crítico” (Prof. 7)

“(...) Auxiliando a literatura” (Prof. 8)

“Sim. Auxilia na literatura (...)” (Prof. 9)

Verificamos que os conteúdos ressaltados pelos professores no trabalho com as histórias em quadrinhos são, em ordem na escala valorativa:

CONTEÚDO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
Pontuação	3
Produção de texto	3
Ortografia	2
Linguagem verbal/não verbal	2
Tipos de discurso	2
Verbos	1
Concordância verbal e nominal	1
Interjeição	1
Onomatopéias	1
Níveis de linguagem	1

Notamos que há uma preocupação acentuada em utilizar o texto para explorar questões da gramática: pontuação, ortografia, verbos, concordância verbal e nominal, interjeição. Nesse sentido, o discurso do professor revela que há uma predominância de conteúdo ligado ao ensino de gramática normativa. O professor quase sempre utiliza o texto como pretexto para ensinar gramática.

Tal resultado nos autoriza a reportar-nos a um dos mitos citados por Bagno (1999) sobre o ensino de Português: “É preciso saber gramática

para falar e escrever bem”. Sabemos que o domínio das regras gramaticais não é garantia de uma comunicação eficiente, uma produção de um texto coeso e coerente.

Interessante notar também que o conteúdo relacionado aos níveis de linguagem foi citado uma única vez:

*“Sim. Linguagem verbal e não verbal
Níveis de linguagem (grifo nosso)
Metalingüística-Onomatopéias” (Prof. 10)*

Evidencia-se a realidade de um ensino concentrado em questões voltadas para a gramática normativa, enquanto que a preocupação de explorar as variantes lingüísticas nas aulas é tímida. O professor não pode perder nunca de vista que “uma língua viva está em constante evolução: gírias, dialetos, neologismos, estrangeirismos, tudo faz parte dela, dessa ebulição que a mantém animada” (LUFT, 1985, p. 108). Consideramos que um dos meios que podem auxiliar o professor é a diversificação da natureza dos textos, dentre eles os Quadrinhos, que é uma fonte rica para explorar, por exemplo, as gírias, os dialetos.

Cabe ressaltar ainda que em nenhuma resposta obtida sobre o conteúdo dos Quadrinhos permite explorar em sala de aula a relação discurso-texto e, mais ainda, os Quadrinhos não foram concebidos como um produto ideológico. Entendemos que para que o aluno perceba que todo texto é dotado de uma carga ideológica, possui propósitos específicos, ou seja, nada é por acaso nele, é necessário mostrar que

[...] o texto tem de ser visto como produto de um ato de fala, como discurso, isto é, como enunciado que traz em si as marcas do processo de enunciação, as marcas da adequação às finalidades próprias de cada intento de comunicação em situações específicas, as marcas de ações cumulativamente desenvolvidas em cada ato verbal (FONSECA e FONSECA, 1977, p. 84-85 apud TRAVAGLIA, 1997, p. 95)

Consideramos que conceber o texto nessa perspectiva é dar oportunidade ao aluno de conscientizar-se sobre a relação texto/discurso e suas implicâncias, tendo em vista vários fatores de ordem textual, ideológica e social: a situação, o leitor/ouvinte, a adequação de registros, as variantes lingüísticas. Assim, o professor estará colaborando para que o aluno per-

ceba que as formas da língua apresentam variações e que determinadas expressões ou modos de dizer algo podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Além do mais, mostra ao aluno que tal mudança de registro pode veicular questões ideológicas.

Como havíamos dito anteriormente, também tivemos interesse em avaliar as Histórias em Quadrinhos de Chico Bento no que diz respeito à representação de sua fala na escrita.

Observamos que muitos professores vêm nas histórias de Chico Bento um recurso para explorar a ortografia, como pode ser visto:

“Não, porque os alunos sabem que o Chico fala errado. Isso é até uma forma de despertar no aluno a pronúncia correta. Pode também ser trabalhado no texto a correção destas palavras, isto é muito legal!” (Prof. 11)

“Não. Porque essas falas leva o aluno a conhecer diferentes formas de expressão, desperta a capacidade de observação a respeito das formas convencionais da língua” (Prof. 12)

“Eu acho bom, pois sempre fazemos a correção adequada” (Prof. 13)

Tais posturas mostram que muitos professores ainda têm como princípio norteador de sua prática pedagógica a noção de “certo”, de “convencional” e do “errado”. Esse resultado faz-nos reportar aos mitos colocados por Bagno (1999), em que destacamos aqui que “o certo é falar assim porque se escreve assim”. Tal mito, talvez, venha justificar a noção de convencionalidade e formalidade colocada por alguns professores.

Moraes (2000) propõe uma reflexão ortográfica com as revistas de Chico Bento a partir da detecção dos “erros” e a reescrita de suas histórias pelos alunos. Assim, o autor acredita que está “por transformar as situações de reescrita em uma via de mão dupla: atuamos com as crianças indo tanto do “errado ao certo” como do “certo ao errado” (e lembro, sempre discutindo o que fazem!!!)” (Moraes, 2000, p. 87). Nesse processo, o aluno terá oportunidade de perceber que pessoas de diferentes regiões ou grupos sociais falam distintamente nossa língua e além disso, mostrar que não escrevemos como falamos.

O autor considera que passar do “errado” ao “certo” é uma forma de criar um preconceito, pois que só uma forma é certa. Se considerarmos que Chico Bento está errado, estamos, na verdade, apagando a variação

lingüística. Nesse sentido, o importante é o professor trabalhar de modo que o aluno passe de uma variante para outra, observando as peculiaridades de cada variedade, refletindo sobre ela como um reflexo de um contexto sócio-histórico-ideológico, e não simplesmente taxando-a de “errada” e/ou de “caipira”.

Em contrapartida ao que fora defendido nos depoimentos dos questionários 1, 3 e 4, acima citados, observamos o depoimento de um professor que considerou não interessante fazer a “correção” da fala de Chico Bento:

“Não gosto. Para o professor trabalhar com histórias do Chico Bento deve haver um cuidado muito grande com relação à sua clientela. Dependendo do nível de conhecimento dos alunos, muitos problemas ortográficos podem passar despercebidos. Além disso, não que seria interessante para os alunos “corrigir” o Chico Bento” (Prof. 14)

Apesar de o professor não considerar adequado “corrigir” Chico Bento, ele se ateu somente aos problemas ortográficos.

De forma geral, notamos que as respostas são unânimes em conceber os Quadrinhos como uma atividade interessante e motivadora. Todavia, vários professores ainda reservam seu tempo para atividades que promovam o ensino gramatical em detrimento do ensino-aprendizagem que possa tratar de diferentes padrões de fala e escrita.

Para atingirmos, na prática, um ensino que permita ao aluno ter acesso e valorizar os usos característicos de cada variedade, é indispensável, além de outros fatores, uma mudança de postura do professor. Bortone (1996) busca algumas estratégias pedagógicas, pautando-se na aplicação dos estudos da Sociolingüística. A autora afirma ser “necessário, portanto, levantar o perfil sociolingüístico do educando, o que irá servir de base para a formulação de uma política pedagógica que, ao garantir o acesso do aluno à norma padrão, respeite suas peculiaridades culturais.” (BORTONE, 1996, p. 197).

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo objetivou avaliar se o professor usa as Histórias em Quadrinhos em sala de aula. E, além disso, como ele as utiliza e se o seu discurso, ao promover atividades que envolvam esse meio de comunica-

ção de massa, contribui para reforçar o valor atribuído à variedade padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas erradas pela gramática normativa.

A análise dos questionários mostrou que a maioria dos professores utiliza às vezes, as histórias em quadrinhos em sala de aula, porém, enfocando em seu uso conteúdos ligados à gramática. Não houve a preocupação em fazer dos quadrinhos, especificamente o de Chico Bento, uma via de exploração da variação lingüística.

É fundamental desfazer-se da idéia de “certo” e “errado” se se quer um ensino que dê condições aos alunos de refletirem sobre os fatos lingüísticos com uma visão crítica e não preconceituosa, percebendo que a língua é um todo complexo e variado. Para isso, é necessário implementar atividades em sala de aula que trabalhem diretamente com a questão da variação lingüística. No caso das Histórias em Quadrinhos, o aluno poderá ter seu prazer ampliado, desenvolvendo sua capacidade de leitura.

Explorar as Histórias em Quadrinhos, atentando para questões que remetam à variação lingüística bem como às problemáticas políticas, sociais, econômicas e culturais que elas espelham, permite desenvolver o espírito avaliativo e criativo do aluno. Questões que discutam a própria adequação de uma linguagem presente no interior da cultura de massa oferecem caminhos ao professor para focar os vários usos da língua e de mostrar a relação texto-arte. Desse modo, elas devem ser usadas não como um meio para abordar a correção gramatical, reforçando ainda mais a manutenção e difusão de certos preconceitos lingüísticos.

Consideramos que é importante o professor tratar as histórias em quadrinhos como um objeto de conhecimento, como algo que dê oportunidade aos alunos de aprender e internalizar questões ligadas à língua por meio da reflexão, do seu uso na sala de aula. Inúmeras são as maneiras de explorá-las, sugerimos algumas delas no sentido de auxiliar o professor a nortear sua prática pedagógica ao lidar com a variação lingüística. Espera-se que a escola, que tem como um de seus objetivos ensinar também a norma padrão, mas não **somente** ela, possa não desprezar as variantes lingüísticas presentes nas histórias em quadrinhos, evitando, assim, uma atitude preconceituosa e errônea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONE, Marcia Elizabeth. Contribuição da Sociolingüística para a aprendizagem da língua materna. In: **O ensino de língua portuguesa para o segundo grau**. Uberlândia: Edufu, 1996.

BRIGHT, William. As dimensões da Sociolingüística. In: FONSECA, M.S.V. da & NEVES, M.F. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CIRNE, Moacyr. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação**: um século de história. São Paulo: Moderna, 1997.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Leitura crítica da gramática escolar sob a ótica lingüístico-ideológica. In: **Letras e Letras**, v. 2, n. 1, p. 47-62, Universidade Federal de Uberlândia, EDUFU, 1986.

GENOUVIER & PEYTARD. **Lingüística e ensino do português**. Coimbra: Almedina, 1974.

HIGUCHI, Kazuko Kojima. Super-Homem, Mônica & Cia. In: **Aprender ensinar com textos não escolares**. Coord. Ligia Chiappini. São Paulo: Cortez, v. 3, 1998.

HJELMSLEV, Louis. **Língua e fala**. In: Ensaios lingüísticos, v. 159, 1991.

LABOV, William. **Sociolinguistique**. Paris: Éditions de Minuit, 1972.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**: o gigolô das palavras. Porto Alegre: L & PM, 1985.

MORAES, Artur Gomes de. **Ortografia**: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1991.